

DOSSIÊ: PERSPECTIVAS QUEER NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

**PASSABILIDADE E VISIBILIDADE DE LGBT+ NA IMPRENSA DO
BRASIL**

(Passability and visibility of LGBT+ in the brazilian press)

Iran Ferreira de Melo ¹
(Universidade Federal Rural de Pernambuco)

Recebido em: novembro de 2020

Aceito em: dezembro de 2020

DOI: 10.26512/les.v21i2.35249

¹ Doutor em Letras pela USP. Desenvolve atividades acadêmicas sob os paradigmas dos estudos de interface entre gênero, sexualidade e linguagem, dos estudos críticos do discurso e da Linguística Queer. Atualmente, é professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde leciona no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Nesta mesma universidade, coordena o Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais (NuQueer). E-mail: iranmelo@hotmail.com.

RESUMO

Neste estudo, selecionamos como objeto a visibilidade de pessoas consideradas marginais por gênero e sexualidade, durante participação nas edições da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Para isso, escolhemos, como fenômeno de análise notícias do jornal Folha de S. Paulo e, como categorias de análise linguística, constituintes contextuais funcionalmente produtivos na construção de representações. Buscamos fazer uma mirada que considere tal visibilidade como recurso de passabilidade dos atores dissidentes de gênero e sexualidade envolvidos nesse evento.

Palavras-chave: *LGBT+. Visibilidade. Imprensa.*

ABSTRACT

In this study, we selected as an object the visibility of people considered marginalized by gender and sexuality, during participation in the editions of the LGBT Pride Parade in São Paulo. For this, we chose, as a phenomenon of analysis news from the newspaper Folha de S. Paulo and, as categories of linguistic analysis, functionally productive contextual constituents in the construction of representations. We seek to take a look that considers such visibility as a resource of passability of dissenting actors of gender and sexuality involved in this event.

Keywords: *LGBT+. Visibility. Press.*

RESUMEN

En este estudio, seleccionamos como objeto la visibilidad de las personas consideradas marginadas por género y sexualidad, durante la participación en las ediciones del Desfile del Orgulho LGBT en São Paulo. Para ello, elegimos, como fenómeno de análisis noticias del diario Folha de S. Paulo y, como categorías de análisis lingüístico, constituyentes contextuales funcionalmente productivos en la construcción de representaciones. Buscamos una mirada que considere dicha visibilidad como un recurso de pasabilidad de actores disidentes de género y sexualidad involucrados en este evento.

Palabras clave: *LGBT+. Visibilidad. Prensa.*

COMEÇANDO A CONVERSA

Neste trabalho, o tipo de atividade ativista representada que delimitamos foram as paradas LGBT (chamadas, em algumas cidades, de paradas do orgulho LGBT e, em outras, de paradas da diversidade sexual). Trata-se de intervenções públicas em forma de passeata que se enquadram no projeto das ações coletivas lúdicas propostas por organizações do ativismo LGBT. Elas constituem “expressões concentradas da arrebatadora visibilidade que o próprio mundo LGBT tem alcançado [e] vêm coroar a formação de uma fulgurante cena [LGBT] nas grandes cidades brasileiras” (SIMÕES; FACCHINI, 2008, p. 18), servindo fundamentalmente para discutir reivindicações postas em agenda por esses atores, como a criminalização da homofobia e a legalização de direitos sociais historicamente negados a pessoas marginalizadas por razão de gênero e sexualidade no Brasil, por exemplo, a união civil entre pessoas do mesmo sexo; o uso, por travestis e transexuais, do nome social como nome oficial; e a adoção de crianças por famílias homoparentais. Essa modalidade ativista objetiva também dar visibilidade à diversidade cultural dos modos de vida e da sociabilidade LGBT,

que, por motivações eminentemente morais e políticas, é silenciada na nossa sociedade. Consequentemente, ela também reflete a crescente importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados às várias expressões de pessoas excluídas por gênero e sexualidade.

Em muitos países do mundo, ocorrem ações do ativismo LGBT através de paradas. Anualmente, no Brasil, acontecem mais de 100 eventos desse tipo distribuídos em todas as regiões.² A edição da cidade de São Paulo (hoje denominada Parada do Orgulho LGBT) tem recebido extrema notoriedade na mídia brasileira, que dedica, na maioria das vezes, primeira página ao assunto, não apenas porque se situa no município mais populoso e de maior concentração de renda do país, mas também porque, dentre todas as paradas LGBT que ocorrem no mundo, atualmente é aquela que congrega o maior número de pessoas. A parada paulistana, assim, se mostra como a versão mais representativa para a análise do modo como o ativismo LGBT é apresentado na imprensa brasileira e para a investigação de como seus sujeitos são representados no mesmo domínio.

Nesse sentido, a pesquisa em tela optou por investigar a ordem de discurso jornalístico no meio de comunicação impresso, reconhecendo seu potencial, diante dessa prática contestatória de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, como difusora de informações e formadora de opinião, capaz de aparelhar os fatos noticiosos e torná-los úteis para a construção da consciência e do ideário popular, produzindo sobre eles imagens mentais de forte influência no comportamento da população em geral. Em outras palavras, a esfera de produção discursiva jornalística tem o poder de manobrar, sem que nos demos conta, os efeitos de sentido no processo de representação dos vários atores sociais que visibiliza e, por isso, caracteriza-se como de capital importância na investigação aqui.

Foi escolhido como veículo de comunicação para situar a análise o jornal impresso *Folha de S. Paulo*, visto que, nas últimas duas décadas, desponta como o periódico diário pago de maior circulação em território nacional.³ Seus textos são frequentemente agenciados para edições de outros jornais, indicando que possui hercúlea inserção no mercado jornalístico e na visibilidade dos fatos noticiosos pautados pela imprensa no Brasil. Diante disso, para os objetivos do trabalho relatado, esse jornal se enquadra inequivocamente como um produtivo meio de circulação dos dados analisados, visto que, através de seu grau de circulação na sociedade brasileira, pode mimetizar a realidade de acesso da população ao jornalismo impresso em nosso país e garantir a representatividade do *corpus*.

² Esses dados podem ser conferidos no website da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT): www.abgl.org.br.

³ O índice de circulação da *Folha de S. Paulo* nos últimos anos pode ser verificado no website da Associação Nacional de Jornais (www.anj.org.br), entidade que congrega dados de todos os jornais diários pagos do Brasil.

Como gênero discursivo para análise, delimitamos a notícia, que, dentre os textos produzidos na ordem do discurso jornalístico, caracteriza-se como a forma mais comum de socializar as ações coletivas políticas de grupos minoritários. Por isso, ainda que, neste texto, não se tenha feito um sistemático exame desse gênero em sua constituição estrutural e interacional, importa afirmar que ele figura como a atividade textual-discursiva mais rentável para o exame do objeto social da pesquisa relatada aqui, pois é principalmente através desse gênero que a imprensa materializa, em discurso verbal escrito, a visibilidade de pessoas periféricas de gênero e sexualidade e suas ações em espaços públicos.⁴

O recorte temporal (diacrônico) para a análise dos dados consistiu na delimitação das datas em que as notícias foram publicadas. Optou-se por analisar textos noticiados no dia de realização da Parada – momento em que o jornal apresenta informações sobre o que está planejado para acontecer, tema do ano, horário, local, trajeto etc. – e publicados também no dia posterior – circunstância na qual se reporta como aconteceu a mobilização, se o planejado foi realizado, qual foi a receptividade do público, quem participou etc. Essas notícias foram coletadas em todos os anos de ocorrência da Parada de São Paulo, correspondentes ao período de 1997 a 2012, constituindo um *corpus* de 29 textos.

A escolha desses dois dias se deu porque, tanto no dia em que ocorre a Parada quanto na data seguinte, os textos da Folha sobre esse evento (e, portanto, sobre a expressão mais visível do ativismo LGBT) têm características distintas das demais notícias acerca da parada paulistana ou sobre outras práticas ativistas LGBT que ocorrem durante o ano, por exemplo: recebem destaque, sendo pautados para capa e ganhando o espaço de uma ou até duas páginas; são mais extensos; adquirem um alto nível de detalhamento e multimodalidade na apresentação dos fatos; e são tipificados em vários gêneros textuais que dividem a mesma página – como reportagens, entrevistas e artigos de opinião. Sendo assim, podemos conferir a esses dias a maior visibilidade do ativismo LGBT em escala nacional inserida num jornal impresso, sendo percebida até por leitoras que não conhecem esse tipo de evento.

⁴ LGBTs também são representados/as nos jornais através de fotos e infográficos (conjunto de informações icônicas – textos, desenhos, gráficos – posto de forma esquemática para situar rapidamente o leitor sobre o assunto noticiado). No entanto, neste estudo, não são analisados tais registros nem seus textos-legenda, isto é, as informações verbais que se conjugam à imagem, referindo-se a ela ou buscando descrevê-la. O procedimento é este, pois acreditamos serem essas estruturas objetos que favorecem muito mais as análises da relação escrita-imagem num estudo multimodal do discurso, o que não corresponde aos objetivos aqui.

1. CATEGORIAS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA DA VISIBILIDADE DO DISCURSO NO TEXTO JORNALÍSTICO

A estrutura da notícia jornalística evidencia um conteúdo específico e o faz a partir de uma macroestrutura textual funcional. Ela é relativamente estável, podendo variar conforme a mídia, mas, em geral, segue os padrões internacionais, procurando conciliar a linguagem formal e a coloquial (LAGE, 2006). Segundo van Dijk (1996), em geral, o discurso jornalístico de caráter informativo apresenta um esquema textual da notícia dividido pela hierarquização de duas categorias textuais: *Resumo* e *Relato*. A primeira é um conjunto de fatores perspectivos de contextualização (MARCUSCHI, 2009), expresso pelo que van Dijk (1996) chama de textos-reduzidos, isto é, estruturas que, segundo o autor, enfocam as principais informações que o jornal deseja que o público-leitor saiba sobre o texto-expandido da notícia, caracterizada por esse linguista como *Relato*.

O *Resumo*, segundo van Dijk (1996), agrupa as seguintes estruturas de contextualização: *Manchete* e *Abertura* (locados exclusivamente nas capas dos veículos jornalísticos); *Chapéu* e *Título* (localizados nas capas e/ou no interior dos cadernos); *Linha Fina*, *Lide* e *Sublide* (inseridos apenas nos cadernos). São geralmente os primeiros elementos a serem processados na leitura e servem para organizar as expectativas sobre o assunto tratado, nomear as notícias, despertar o interesse do/a leitor/a e estabelecer vínculos com informações textuais e extratextuais. Tudo isso determina se a notícia vai ser lida ou posta de lado e, portanto, esses elementos são preocupações permanentes de editores/as, que exigem uma exímia produção dessas estruturas, para que sejam atraentes e capazes de tornar claro e preciso o objeto da notícia, mas que, acima de tudo, incitem o público a se interessar pelo que está publicado.

No percurso de leitura de uma notícia, o acesso às informações do *Resumo* se dá normalmente por meio da ordem apresentada (*Manchete* > *Abertura* > *Chapéu* > *Título* > *Linha Fina* > *Lide* > *Sublide*), o que implica um processamento centrípeto de leitura que perpassa essas estruturas do *Resumo* até chegar ao *Relato*, que discutiremos mais adiante. Portanto, há estratos de contextualização do acontecimento relatado que são mais evidenciados do que outros e, por isso, potencialmente capazes de objetivar os atores representados na notícia. Em outras palavras, quanto mais próxima à exterioridade do *Resumo* estiver um fato ou um ator citado na notícia, mais visibilidade eles alcançarão, pois, assim, será mais fácil notá-los. Um olhar sobre essa localização do ator social no *Resumo* é muito produtivo para nossa análise neste estudo, pois pode revelar o grau de notoriedade dado a ele na matéria.

A *Manchete*, estrutura que corresponde à sentença de maior destaque, é, em geral, composta por letras de destaque (caixa-alta e negrito) e publicada no alto ou no centro da capa do veículo. Indica

o fato jornalístico que o Poder e o Controle consideram de maior importância entre as notícias contidas na edição (SILVEIRA; PAULA, 2009).⁵ Ela pode intitular um texto de capa ou apontar para uma notícia no corpo do caderno. Cada edição de um jornal só possui uma Manchete e sua escolha deve-se a critérios de noticiabilidade, tais como enumera Lage (2001): atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana. Por se tratar de um dos primeiros textos a que o público tem acesso no jornal, a Manchete é responsável por constituir um dos fatores retóricos que determina as chances de o jornal ser comprado. Esta estrutura não foi objeto de nossa análise aqui.

Segundo Falcone (2005), Abertura ou Entrada são os nomes daquilo que nos jornais tem a função de um ou mais parágrafo-resumo, contendo as principais informações de uma notícia ou entrevista situadas no interior do caderno. Pouco selecionada para resumir notícias simples, trata-se de uma introdução ao Lide, publicada com destaque e, inclusive, intitulada com tamanho e estilo de letras diferenciados do restante do texto. Pode vir na capa ou ainda introduzindo uma entrevista pingue-pongue. Essa estrutura é considerada para nós parte integrante do objeto que analisamos, uma vez que a entendemos como vinculada ao projeto de representação por meio da linguagem verbal que o jornal empreendeu em torno da notícia. Abertura e entrada também não são o nosso foco neste trabalho.

O Chapéu é uma estrutura opcional no texto jornalístico e consiste numa palavra ou num grupo nominal colocado acima do título de uma notícia, com o objetivo de caracterizar o tema da matéria. Para van Dijk (1996), funciona, do ponto de vista argumentativo, como uma palavra designativa usada para definir o conteúdo da notícia e, do ponto de vista discursivo, como um tópico que orienta o foco do texto. Esse autor salienta que tal elemento desempenha um papel fundamental na comunicação jornalística, pois sumariza conceitualmente o texto e especifica a sua informação mais importante, respondendo à pergunta: Sobre o que fala a notícia? Geralmente recebe destaque com negrito ou caixa-alta e é formado por substantivos ou substantivos adjetivados. Em nossos dados, há algumas notícias antecedidas por Chapéu, por isso essa estrutura será levada em consideração na análise.

Já o Título corresponde a um elemento obrigatório de contextualização da notícia e proporciona ao jornal manter o controle discursivo, pois boa parte da compreensão de um texto é monitorada pela interpretação do Título, que estabelece vínculos com informações textuais e

⁵ Alguns teóricos da linguagem, a exemplo de Marcuschi (2002), consideram a Manchete um gênero discursivo em si. Essa justificativa se dá em virtude do espaço em que ela aparece (em geral na capa ou distante do relato da notícia) e da projeção de leitura, isto é, há a possibilidade de lê-la e compreendê-la sem ler ou sequer visualizar o texto para o qual aponta. No entanto, há outras perspectivas de compreensão científica da Manchete, tal como Silveira & Paula (2009), que a entendem como um índice de leitura que funciona como um *hiperlink* capaz de sinalizar o texto, que poderá ser lido ou não, mas que está indivisivelmente atrelado à Manchete.

extratextuais, as quais orientam o público para a conclusão a que deve chegar (AGUIAR, 2002). Ele funciona como um índice de leitura do texto e, portanto, para o jornalismo, deve ser atraente, de entendimento imediato ou provocativo. Como fatores de contextualização, tanto o Chapéu quanto o Título, ao mesmo tempo em que nomeiam o texto, despertam o interesse do/a leitor/a, ativando seus conhecimentos prévios.

A Linha Fina, por sua vez, como o Chapéu e a Abertura, é uma categoria opcional no gênero notícia e tem uma função semelhante ao texto da Abertura. No geral, serve para acrescentar informações além do título, orientar a leitura, assim como legitimar o controle discursivo (VAN DIJK, 1996). Presume-se que o/a leitor/a pode ser alguém que tem pouco tempo para ler a notícia, precisa da informação, mas não pode demorar muito até saber o que lhe interessa. A Linha Fina exerce, portanto, a função de facilitar a vida desse/a leitor/a ao completar o que está no título, acrescentando mais alguns dados do texto. Além disso, juntamente com o Chapéu e o Título, essa estrutura tem ainda a função de atrair o/a leitor/a para o texto. Em nossos dados, constatamos alguns casos de Linha Fina.

Já o Lide, sumariamente, podemos afirmar que é a abertura da notícia em si, constituída pelos elementos fundamentais do relato a ser desenvolvido (ERBOLATO, 1991). Ele corresponde ao primeiro parágrafo e, como sinalizamos, deve responder às questões “O quê?”, “Quem?” “Onde?”, “Quando?” e “Como?”. Essas marcas interrogativas são respondidas nesse parágrafo com o objetivo de deixar, logo no começo do texto, os/as leitores/as bem esclarecidos/as sobre o fato noticioso, principalmente aqueles/as que não dispõem de tempo suficiente para ler todo o texto. Ele torna possível ao público-leitor tomar conhecimento do essencial da notícia ao ler apenas o primeiro parágrafo (FOLHA DE S. PAULO, 2007). A partir dessas respostas, o Lide estrutura o topo da pirâmide invertida, permitindo que as informações mais importantes apareçam no início do texto, restando ao desenvolvimento da notícia que alguns detalhes e explicações sejam acrescentados sobre o fato, sem necessariamente interferir na compreensão geral dele. O Sublide, por sua vez, é uma continuação do Lide, pois responde a perguntas secundárias ou menos relevantes (segundo conceitos jornalísticos), tais quais, “Por quê?” e “Para quê?” (VAN DIJK, 2006). Nele já constam as citações de entrevistados/as, mas é, nos parágrafos seguintes, onde preferencialmente estão os discursos diretamente reportados. Para esses demais parágrafos, não há uma estrutura rígida de organização, podendo ocorrer de forma diferenciada, dependendo do espaço cedido ao fato noticiado. Analisaremos em nossos dados o Lide e o Sublide, mas não destacaremos suas funções comparando-as com o restante do texto subsequente, isto é, o Relato.

Ainda há outros constituintes da notícia que não foram contemplados por van Dijk (1996) como parte do Resumo, mas que registramos aqui, pois foram encontrados em nossos dados. São eles: *Chamada, Olho, Intertítulo, Texto-legenda e Foto-legenda*.

A Chamada é um parágrafo pequeno, geralmente formado por apenas um período simples, que, do mesmo modo que a Abertura, situa-se na capa do jornal para resumir a notícia inserida no veículo, entretanto, ao contrário dessa outra estrutura, apresenta apenas as informações essenciais do acontecimento reportado ou aquelas mais relevantes para o jornal (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Além disso, a Chamada também pode possuir Título, Chapéu ou os dois elementos juntos; por ser um texto de pequena extensão, pode vir amalgamada com a descrição de alguma imagem, ou mesmo a uma Foto-legenda; e, como outras estruturas de capa que citamos, é considerada por alguns como um gênero discursivo à parte da notícia em si. Alguns textos que analisamos receberam Chamada, por isso levaremos em consideração essa estrutura para a nossa análise.

O Olho é um parágrafo ou um excerto do texto, que se coloca em posição destacada na página, geralmente em corpo maior e eventualmente em cor diferente (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Tem o objetivo de chamar a atenção do/a leitor/a para o ponto (ou os pontos) de mais relevo que a matéria contém, segundo o jornal. Pode ainda ser textualizado no formato de uma citação da fala de algum/a entrevistado/a durante a captação de informação para produzir a notícia e, muitas vezes, é colocado no interior ou na lateral do texto, sendo, nesses casos chamados de *Olho de Continuidade* e ocorrendo, muito comumente, em notícias de revista. Chamado também de *Destaque*, essa estrutura está presente em alguns dos textos de nosso *corpus* e iremos considerá-la em nossa análise.

O Intertítulo é qualquer outro título usado na notícia (em geral em reportagens) para dividir os tópicos discursivos (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Atualmente é quase consensual que o Intertítulo entra onde o desenho da página e o texto pedem, deixando de existir, na prática, uma regra para colocar essa estrutura.

Por fim, o Texto-legenda de fotografia tem a função de completar a informação constante na imagem que corresponde a algo citado na notícia (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Geralmente constitui-se de uma ou duas linhas de texto escrito localizada logo abaixo da foto, sendo excepcionalmente usado acima ou ao lado dela. Por ser a fotografia um dos primeiros elementos que atraem o público à página de um jornal, é comum as redações recomendarem que essa estrutura seja atraente, objetiva e, sobretudo, informativa; não servindo apenas para descrever a imagem, embora não possa deixar de cumprir essa função (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Como já sinalizamos noutro momento aqui nesta tese, não analisamos esse elemento em nossos dados, pois acreditamos que isso conduziria a fazer uma análise também do que a foto retrata, o que não é nosso objetivo.

É importante não confundir o Texto-legenda com a estrutura Foto-legenda. Esta pode ter uma descrição escrita com maior extensão (até quatro linhas), onde se narra ou se descreve o acontecimento que a fotografia ilustra, sem qualquer outro texto noticioso atrelado (FOLHA DE S. PAULO, 2007). Pode ser concebido como um gênero autônomo do jornalismo, mas, ao funcionar como chamada da notícia, esse gênero é considerado em nossa pesquisa como também uma estrutura do Resumo explorada na capa, que dirige a leitura à notícia, como um índice do que o público-leitor encontrará no interior do caderno sobre o acontecimento citado. Em nossos dados, encontramos algumas estruturas como essa, sempre presentes na capa.

2. RESULTADOS

No que diz respeito aos cadernos em que as notícias foram editadas, exceto as publicações dos dias 27/06/99 e 13/06/04, os demais textos de nosso *corpus* foram publicados no espaço dedicado à editoria “Cotidiano” ou, num outro de mesma função chamado, na época, de “São Paulo” (edições de 29/06/98 e 28/06/99). Ser noticiado nesses cadernos dá ao acontecimento, no mínimo, o *status* de trivialidade, orientando o público-leitor a compreender o evento representado como algo que faz parte da rotina da vida paulistana. Em outras palavras, ter a Parada inserida nesses cadernos significa colocá-la na ordem do dia e equipará-la a outros eventos correntes do dia-a-dia de uma megalópole como São Paulo.

Assim, dividindo lugar com notícias sobre a temperatura na cidade, problemas de trânsito, dados demográficos, programas assistenciais, saúde e educação pública, entre outras informações, o foco temático do jornal, bem como os possíveis efeitos de sentido desse foco, recaem sobre a noção de um evento que começa a fazer parte do cenário de caos urbano da cidade. Em função disso, várias publicações (sobretudo a partir das notícias de 2001 – ano em que a Parada começou a bater recordes de público) passam a ressaltar o impacto da marcha no tráfego das avenidas, na limpeza urbana, na rede hoteleira, no mercado em geral e noutras esferas, embora, muitas vezes, deem mais ênfase a esses fatos do que à própria Parada.

Outro aspecto a se registrar é que esses cadernos atraem bastante o interesse da população porque reserva espaço para informações que afetam diretamente os/as munícipes e as comunidades da Grande São Paulo (reforma e construções de logradouros públicos, mudanças de itinerários e reajuste nas tarifas de passagem do transporte coletivo, funcionamento de hospitais e unidades de saúde, entre outras). Em face de isso, inserir uma notícia sobre a Parada nesses espaços textuais possibilita acesso à voz da militância LGBT (ainda que no texto isso fique, algumas vezes, deturpado)

num campo de grande evidência do jornal. Em outros termos, quanto à seleção do caderno, podemos afirmar que a Folha fornece grande visibilidade à causa política LGBT e a Parada paulistana.

Sobre o grau de visibilidade que a Parada recebeu através de notícias que possuem um Resumo no caderno, verificamos, em nossos dados, a presença de Chapéu, Linha Fina, Olho e Intertítulo. As ocorrências desses elementos apontam para o processo de tematização do conteúdo a ser lido nas notícias e fornecem maior contextualização e visibilidade ao acontecimento noticiado. Além disso, a seleção desses recursos indica ainda o grau de destaque dado pelo jornal à Parada, considerando-a como fato noticioso, uma vez que essas estruturas ajudam a ampliar o espaço da notícia no corpo do caderno. O quadro-síntese a seguir mostra a quantidade de casos desses elementos em nosso *corpus*.

Dos 29 textos analisados, 14 vinham antecidos de Chapéu no Resumo do caderno, compondo praticamente todos publicados entre os anos de 1998 e 2005. No entanto, podemos dizer que essa estrutura pode ser considerada anacrônica hoje, posto que, há anos, não se faz presente nos textos noticiosos da Folha sobre a Parada publicados no interior do jornal.

Como resultado de uma estratégia de produção da notícia ou apenas como fruto de coincidência, após 2006, uma das estruturas de Resumo que prevaleceu foi o Olho, elemento não presente no período de uso do Chapéu, o que parece configurar uma substituição de um recurso pelo outro. As duas estruturas correspondem a recursos de forte função contextualizadora e tematizadora, assim como de impacto visual e comunicativo na notícia. Outra característica interessante no processo de visibilidade da Parada em nossos dados foi o uso do Chapéu combinado com a Linha Fina em notícias divididas por mais de um foco temático (através de Intertítulo), como aconteceu bastante de 1998 a 2005. Essa associação também constituiu um compósito de grande acessibilidade à leitura dos textos noticiosos em questão na nossa pesquisa.

Embora sejam típicas do Resumo no interior do caderno, constatamos algumas ocorrências do Chapéu nas capas que também analisamos. Isso indica o reforço de destaque que o jornal concedeu às notícias sobre a Parada. Adiante segue a lista desses casos.

Quadro 1 - Registros de Chapéu na capa

Edição	Ano	Data	Estrutura da capa	Chapéu
5 ^a	2001	18/06	Foto-legenda	RECORDE
8 ^a	2004	14/06	Foto-legenda	NOVO RECORDE
9 ^a	2005	29/05	Chamada/Foto-legenda	ARCO-ÍRIS
10 ^a	2006	18/06	Foto-legenda	METRÓPOLE GAY
11 ^a	2007	10/06	Chamada	PARADA GAY
15 ^a	2011	27/06	Foto-legenda	GAROA COLORIDA

Fonte: elaborado pelo autor.

Somente em 02/06/02 não encontramos ocorrência de Chapéu nas notícias de nossos dados. Já com o uso desse recurso na capa, dos 6 registros que contatamos dois se deram no dia do evento. Além disso, quase todos os registros de capa apresentaram esse recurso perante a Foto-legenda, como pudemos ver no quadro anterior. Tais dados podem ter essa configuração, pois, já que o Chapéu funciona como uma espécie de tópico, tal qual um Título, a Folha talvez entenda que a sua aplicabilidade seja redundante diante de uma Abertura, elemento que é necessariamente intitulado.

Podemos reunir as lexias usadas como Chapéu em 08 grupos, de acordo com os campos semânticos que cada uma evoca. No quadro 2, expomos esses grupos, tais lexias e a quantidade de ocorrências entre parênteses.⁶

Quadro 2. Tipos de Chapéu

<p>1. Localização espacial “SÃO PAULO” (1)⁷ “METRÓPOLE GAY” (localizador espacial + caracterizador identititário) (1)</p>
<p>2. Atividade</p> <p>2.1 Atividade genérica “EVENTO” (1)</p> <p>2.2 Atividade de marcha “PARADA” (1) “PASSEATA” (2) “PASSEATA NA PAULISTA” (atividade + caracterizador espacial) (1)</p> <p>2.3 Atividade de contestação “DIA DE PROTESTO” (atividade de contestação como caracterizador de tempo) (1)</p> <p>2.4 Atividade de celebração “FESTA” (1)</p>
<p>3. Identidade coletiva</p> <p>3.1 Identidade coletiva genérica “DIVERSIDADE” (3)</p> <p>3.2 Identidade coletiva de sexualidade “DIVERSIDADE SEXUAL” (2)</p>

⁶ A classificação para esses grupos semânticos não seguiu nenhuma teoria aplicada a este trabalho, e sim os modos como cada lexia é definida em dicionários, a exemplo do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.

⁷ Seguimos aqui o uso da caixa-alta feito pela Folha.

<p>4. Sentimento categorizado “ORGULHO GAY” (2)</p>
<p>5. Escopo da Parada “RECORDE” (1) “NOVO RECORDE” (escopo de evento + caracterizador para atualização) (1)</p>
<p>6. Parada</p> <p>6.1 Nominalização da Parada “PARADA GAY” (1)</p> <p>6.2. Metaforização da Parada</p> <p>6.2.1 Símbolo da Parada “ARCO-ÍRIS” (1)</p> <p>6.2.2 Alegoria de uma edição da Parada “GAROA COLORIDA” (1)</p>

A maior ocorrência se dá com palavras que representam LGBT e seus contextos de atuação ativista, ora para nominalizar o evento (“PARADA GAY”, “FESTA”), ora para simbolizá-lo (“GAROA COLORIDA”, “ARCO-ÍRIS”) ou ainda para apontar algum interesse ou alcance seu (“RECORDE”, “NOVO RECORDE”), dentre outras formas. Somente o Chapéu “SÃO PAULO” não se refere exatamente ao evento, mas a cidade onde ocorreu, o que dá margem para significados que não operam diretamente com ideias sobre a Parada.

Esses dados revelam um percurso linear e histórico de representação da Parada e seus atores, pois percebemos que, no decorrer dos anos, houve uma mudança de tematização que partiu da classificação do evento com termos que podem remeter a uma atividade de contestação (Chapéus como “DIA DE PROTESTO” e “PASSEATA”) para a caracterização da identidade social coletiva dos atores LGBT, reconhecendo a diversidade identitária desse grupo (registros como “GAROA COLORIDA” e “ARCO-ÍRIS”). Essa mudança representa o evento como uma ação mais contestatória nos anos iniciais em que a Parada se assemelhava à proposta primacial estadunidense e depois mais como uma atividade celebrativa, nos anos em que a Parada se revestiu de características carnavalizadas e também mercadológicas.

É importante ainda notar que alguns Chapéus pressupõem a participação de atores que podem ser evocados a partir das palavras escolhidas. Por exemplo, aquelas relativas ao processo de

caminhar publicamente (“PASSEATA” e “PASSEATA NA PAULISTA”) pressupõem atores em suas atividades motoras de andar, caminhar e marchar, geralmente, em nossa cultura, associadas a uma ação contestatória e, portanto, de caráter eminentemente político, o que já fica evidente no registro “DIA DE PROTESTO”. Em contrapartida, o uso do termo “FESTA” é capaz de nos fazer mobilizar indiretamente a participação de atores envolvidos em práticas comemorativas e de entretenimento, portanto de caráter lúdico. Essa duplicidade de representação implícita caracteriza a díade do processo carnavalizado da Parada, que tenta conjugar uma polifonia de interesses tanto reivindicatórios e atrelados ao protesto por uma sociedade mais igualitária quanto ligados ao divertimento e exposição da irreverência identitária.⁸

Já a presença da Linha Fina foi quase unânime em nosso *corpus*. Elemento de forte contextualização para a leitura do texto, esse recurso só não esteve presente em três notícias que analisamos. Isso demonstra o quanto a Folha buscou indiciar as informações contidas nas notícias sobre a Parada, pois quanto maior é a presença desse recurso mais o público-leitor pode ser indicado sobre o que aborda a notícia antes mesmo de lê-la. Além disso, da mesma maneira que o Título (este compulsório ao gênero notícia), a Linha Fina se encarrega de reforçar o controle discursivo do jornal na medida em que não apenas aponta para o que é desenvolvido no Relato, mas também demarca os argumentos que considera pertinentes na exposição feita no corpo do texto.

Nesse sentido, o que vimos nas notícias que compõem nosso *corpus* é um destaque na Linha Fina para informações sobre a estimativa de participantes na Parada e a quantidade que efetivamente participou, configurando uma operação de controle discursivo que acompanhou quase todos os registros dessa estrutura em nossos dados, como exemplificam os três casos a seguir.

- “Evento espera reunir 14 mil pessoas para estender a bandeira do arco-íris e estimular o orgulho junto à comunidade” (FSP-27/06/99)
- “Estimativa de público é da Polícia Militar; público dobra em 2 anos” (FSP-03/06/02)
- “São Paulo ultrapassa San Francisco e sedia maior evento homossexual do mundo, afirmam organizadores” (FSP-14/06/04)

⁸ Segundo van Leeuwen (2008), as ações e reações podem ser *ativadas*, representadas dinamicamente, ou *desativadas*, representadas estaticamente, como se fossem entidades ou qualidades em vez de processos dinâmicos. Quando ativadas, elas são gramaticalmente realizadas em um grupo verbal e, quando desativadas, por processos de nominalização, como ocorre com algumas lexias usadas como Chapéu em nossos dados. Não aprofundaremos essa discussão já que nosso estudo não corresponde a uma proposta de análise da representação das ações sociais que compuseram a Parada, mas dos atores participantes nela. Ainda que, em muitos momentos, contextualizemos a visibilidade desse evento, nosso intuito é perceber como os atores ganham notoriedade na medida em que o evento também ganha.

A seleção dessas informações como complemento do Título indica, desde já, uma representação da expectativa da organização do evento e de outros atores sociais referidos quanto à adesão popular da Parada e à tentativa de bater recordes a cada ano. Esse enfoque dado pela Folha visibiliza um aspecto importante para uma ação de caráter político como a Parada de São Paulo, qual seja, o aumento de pessoas nas ruas, demonstrando apoio aos pleitos apresentados ali. Entretanto, a escolha dos argumentos – o que envolve a mobilização de determinados itens lexicais e a combinação entre eles no contínuo da oração – parece ter limitações, as quais descreveremos e interpretaremos ainda neste capítulo.

No que tange ao uso do Olho nos textos que analisamos, constatamos sua presença em 11 notícias de nosso *corpus*, quase todas publicadas de 2006 a 2012. Como recurso introdutório ao Lide, o Olho está presente em 08 notícias e, como recurso de continuidade, em 03 notícias, sendo estas publicadas nos últimos dois anos, o que pode apontar para um formato que o jornal assumirá nas futuras edições sobre a Parada. Sempre integrado a textos que também apresentam Linha Fina na estruturação e a muitos que possuem divisão tópica por meio de Intertítulo, o Olho pode ser entendido como um elemento de acréscimo e destaque de informação que a Folha quis produzir sobre a Parada.

Evidenciada com negrito, essa estrutura é marcada nas nossas notícias como um componente de forte visibilidade para as informações expostas, sejam elas típicas do Lide, tais como o horário e o percurso da Parada; do Sublide, a exemplo de algumas causas que levaram a estruturação do evento a ser da forma que aconteceu; ou do Relato, como alguns exemplos de situações inusitadas ocorridas durante a passeata. Abaixo segue uma sequência de três respectivos casos.

- “Evento está programado para iniciar na av. Paulista, às 14h, e seguir para r. da Consolação; CET vai interditar o tráfego no local” (FSP-17/06/06)
- “Donos de casas noturnas têm de pagar R\$ 10 mil de taxa de inscrição para festa e desistem de sair no evento pela primeira vez neste ano” (FSP-14/06/09)
- “Quatro pessoas foram presas; três dos 23 trios da festa tiveram problemas, e um deles chegou a ficar enroscado em viaduto” (FSP-11/06/07)

Quando se configura especificamente como Olho de continuidade, essa estrutura, nas três notícias que apresentaram esse tipo de Olho, está presente 13 vezes nos nossos dados. Sob sua forma canônica, tal registro destacou, entre argumentos favoráveis e contra a Parada, trechos da fala de um membro da organização do evento (1), do arcebispo metropolitano de São Paulo (1), do governador de São Paulo (1), de pessoas sugeridas como LGBT (3), e de outros atores que são representados por suas profissões e por serem moradores da região da avenida Paulista, local onde se realiza a Parada,

ou apreciadores do evento (6). Esse enfoque, para a fala de pessoas que não são identificadas necessariamente como LGBT, fornece uma visibilidade maior à perspectiva da população (concordando ou não com o evento) do que à opinião dos atores para quem o evento é destinado. Abaixo seguem dois exemplos dos registros preponderantes.

“‘Tem orelhão quebrado, muito lixo. O barulho também atrapalha’ MARIA HELENA SABA, 29, moradora da Paulista” (FSP-11/06/12)

“‘Estou achando o máximo. Hoje nós [heterossexuais] somos a minoria!’ CLÉO HONORATO, 42, dona de casa, em sua 1ª Parada Gay” (FSP-11/06/12)

Diante disso, o fato é que, da forma como foi conduzido, o Olho serviu ao jornal (muito mais do que o Chapéu) como uma espécie de indutor da leitura e da visibilidade para alguns aspectos sobre a Parada que a notícia apresenta. Ademais, o Olho, em nossos dados, representa um importante elemento de orientação para o que o Poder do jornal quer enfatizar. Mais até do que o Título da notícia, ele oferece – seja em sua forma tradicional, seja como Olho de continuidade – o que o Poder do jornal quer enfatizar: a opinião da população sobre o evento, as contingências ocorridas no percurso, as informações elementares da notícia (horário, local, participantes), dentre outros dados que a Folha reveste de relevância e, muitas vezes, aponta como prioritários ao público, quando os materializa sob o destaque do tamanho da fonte, da cor e da localização do Olho.

Já sobre o uso de Intertítulo em nosso *corpus*, alegamos que, como recurso que possibilita uma nova topicalização ou o reforço do tópico principal, favorecendo a inserção de novos comentários, buscamos identificar se as notícias que analisamos possuem divisão tópica introduzida por Intertítulo e para o que este apontava. Assim, pudemos verificar objetivamente quais textos foram publicados sob uma explícita divisão temática e quais as implicações disso para a análise da visibilidade, uma vez que a quantidade de tópicos dos textos pode apontar para a multiplicidade de enfoques na representação do assunto, funcionando ou não como ganchos jornalísticos.⁹

Onze textos do *corpus* apresentaram divisão tópica e, portanto, incluem Intertítulos. Todos se dividiam em dois tópicos – expondo um Título e um Intertítulo. A única distinção está nas edições de 14/06/04 e 11/06/12, que apresentam dois textos e, assim, dois Títulos, sendo apenas um dos textos com Intertítulo. O quadro a seguir expõe esses dados, mostrando os Intertítulos em linhas sombreadas.

⁹ No jargão jornalístico, o *gancho* é um assunto abordado a partir de outro como mote. Por exemplo, em ano de eleição política, é possível que o jornal questione a participação de candidatos/as na Parada e, inclusive, desenvolva comentários sobre a performance deles/as, como ocorre em alguns de nossos dados. Entretanto, muitas vezes, os jornais acabam utilizando o gancho para mitigar o suposto foco da notícia, que é a realização da Parada em si. Quando isso acontece, percebemos como manobra de representação a mudança de tópico, que, muitas vezes, fica explícita no Título ou no Intertítulo.

Quadro 3 - Registros de Títulos e Intertítulos

Edição	Ano	Data	Títulos e Intertítulos
1ª	1997	28/06	Gays fazem passeata no Rio e em SP
2ª	1998	29/06	Capitais têm passeatas do orgulho Gay
3ª	1999	27/06	Celebre os 'gay 90's' na avenida Paulista
		28/06	Parada Gay atrai 20 mil manifestantes em São Paulo
4ª	2000	25/06	Homossexuais querem reunir 100 mil hoje
			Parada limpa
		26/06	Parada gay congestionava o centro de SP
			Performances e fantasias
5ª	2001	17/06	Parada muda o trânsito na avenida Paulista e no centro
		18/06	Parada gay registra recorde de público
6ª	2002	02/06	6ª edição da Parada começa às 14h
		03/06	Parada leva às ruas 400 mil pessoas e bate recorde e bate recorde em SP
			Xuxa e Donna Summer
7ª	2003	22/06	Parada do orgulho Gay terá 21 trios elétricos hoje
		23/06	Parada Gay dobra e leva 800 mil à Paulista
			Gays, famílias e idosos
8ª	2004	13/06	Parada Gay altera Domingo na Paulista
		14/06	Parada Gay reúne 1,5 milhão e bate recorde
			Turistas reforçam público na Paulista
			Colorido
9ª	2005	29/05	Parada tem início às 11h com show dos anos 80
		30/05	Parada Gay tem ampla presença feminina
10ª	2006	17/06	Parada Gay tenta manter recorde hoje
			Cabeleireiros no trabalho
		18/06	Parada Gay resiste à Copa e supera recorde de público
11ª	2007	10/07	Parada Gay aquece mercado de luxo
		11/07	Parada Gay cresce; diversão e problemas também
12ª	2008	25/05	Em sua 12ª edição, Parada Gay fica mais globalizada

			Multidão
13 ^a	2009	14/06	Parada desfila na contramão sem trios de boates gays
			Arco-íris cinza
		15/06	Sem trios de boates, política avança na Parada Gay de SP
			Abaixo-assinado
14 ^a	2010	07/06	Menos cor no arco-íris
15 ^a	2011	27/06	Garoa na parada
			Debutante
16 ^a	2012	10/06	Parada Gay atrai turista profissional a São Paulo
		11/06	Parada Gay reúne 270 mil pessoas, afirma Datafolha
			“Se não foi mais, ficou em 4 milhões”, diz organizador
			Falta de apoio

Todos os Intertítulos topicalizam o foco discursivo da segunda metade dos textos através de itens lexicais nominais, ou seja, não formam orações. Interessa-nos observar a que semanticamente apontam esses nomes. Nesse sentido, verificamos que, em geral, se referem: à própria Parada (“Parada limpa”; “Debutante”); aos/às participantes da Parada (“Gays, famílias e idosos”; “Multidão”); a itens abstratos, relativos ou não ao campo semântico da Parada (“Colorido”, “Arco-íris cinza”); e a itens metonímicos e alusivos (“Performances e fantasias”, “Xuxa e Donna Summer”, “Abaixo-assinado”, “Cabeleireiros no trabalho”).

Exceto nas edições 23/06/03 e 14/06/09, os Intertítulos não complementam a informação dos Títulos e do que é apresentado no Lide e no Sublide, funcionando assim como introdutores de novos assuntos, todos relativos ao evento. Não constatamos nenhum gancho, logo a mudança explícita de tema nas notícias mantém a visibilidade do assunto maior, que é a Parada e consequentemente dos atores envolvidos nela. Alguns temas desenvolvidos no segundo tópico são citados na Linha Fina, estrutura que, como explicamos, tem também papel de antecipar alguns argumentos do texto. Somado a isso, percebemos que o uso do segundo tópico serviu ora para reforçar a amplitude de estrutura do evento e participação de público (por exemplo, nos trechos intitulados “Colorido” e “Multidão”), funcionando, assim, como uma espécie de tópico agregador à visibilidade positiva do evento; ora para apontar vicissitudes da organização da passeata (como em “Arco-íris cinza” e “Falta de apoio”), servindo, então, para apresentar um contraponto negativo ao funcionamento da Parada.

Como observação de tudo isso, é possível dizer que os Intertítulos em nosso *corpus* representam mais uma forma de garantir a visibilidade do evento, uma vez que esses introdutores de tópicos iniciam um momento de discussão que amplia as respostas do Lide, do Sublide e até do que

está convencionado para o Relato. Pode ser que isso justifique o fato de que somente no ano 2000 esse recurso passou a ser utilizado, já que a partir dessa época o evento foi ganhando maior participação e conseqüentemente as notícias que o reportavam cresceram, abrindo espaço para diferentes temas ligados à Parada e ao movimento LGBT.

Em resumo, sob a miríade de aspectos que as estruturas do Resumo revelam, está o fato de que o jornal *Folha de S. Paulo* soube aproveitar muito bem o papel de cada elemento citado neste tópico, a fim de garantir a função de governança do gênero notícia como atividade discursiva de visibilidade e representação da Parada. Foi possível que os textos produzidos por esse jornal articulassem, de acordo com o que pudemos perceber, os potenciais de visibilidade que as estruturas facultativas da notícia (Chapéu, Linha Fina, Olho e Intertítulo) podem operar. Sempre em coerência com os diferentes momentos históricos da Parada nesses 16 anos; acompanhando os pleitos políticos, as conquistas e as querelas do movimento LGBT no Brasil, principalmente em São Paulo; e buscando usar os recursos tecnológicos (de fotografia, edição e interatividade) que o Grupo Folha dispôs, esse periódico (tanto em sua versão impressa quanto digital) esteve na vanguarda da visibilidade dada à maior parada LGBT do mundo.

ENCERRANDO O ASSUNTO

Conforme o que constatamos com a descrição e a quantificação dos itens referentes às ocorrências e estruturas que citamos neste texto, podemos registrar, como síntese do resultado obtido, que tanto a Parada quanto seus atores, sobretudo LGBT, recebem uma acentuada visibilidade no jornal *Folha de S. Paulo*. Dada a história pregressa desse periódico, o grupo empresarial que dirige a Folha esteve interessado em cobrir assuntos que aproximassem o jornal do grande público. Em algumas ocasiões na formação das diferentes corporações que compuseram o que chamamos hoje de Grupo Folha, seu jornal de maior inserção encabeçou campanhas com distintos objetivos, muitas delas incitando a participação popular e fazendo a empresa se posicionar claramente acerca do pleito apresentado.

Entretanto, em nenhuma de suas fases históricas, esse jornal esteve oficialmente ligado a um projeto de visibilidade de minorias, muito menos a ações ativistas de LGBT. Isso faz com que o trabalho de tematização e destaque empreendido através do noticiário sobre as Paradas nesse periódico funcione como uma espécie de prática jornalística inédita na trajetória político-ideológica da Folha e, em virtude da representatividade desse jornal no cenário da imprensa brasileira, faz também com que tenha o mesmo significado na história da imprensa de nosso país. De mesmo modo, considerando os modelos de gestão exercidos por todo percurso de edificação do Grupo – até mesmo

quando ainda compreendia um conjunto de jornais avulsos no início do século XX –, o grau de interesse da Folha em pautar e publicar a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo responde a um jogo de mercado e segue um padrão de agendamento social da imprensa e da sociedade contemporânea, tendente a compreender, muitas vezes, o papel da mídia como uma janela de espetáculos e/ou promotora de denúncias dos problemas sociais vigentes.

É sob o horizonte dessas características que a imprensa reserva, como no caso da Folha, uma espécie de espaço para ações de contestação pública como a Parada, já que esse evento, por si, congrega elementos “anfíbios” de forte apelo sinestésico e político. Isso reveste quem lhe visibiliza de um poder para direcionar o foco de reportagem numa escala que pode ir da imagem do estritamente ridículo e atrativo (por isso espetacularizante) até o polo oposto, o anúncio público de conflitos sociais característicos da sociedade atual (portanto, evidenciando um caráter denunciativo da imprensa). Estando em qualquer ponto dessa escala, a *Folha de S. Paulo* conseguiu, conforme os quesitos que enumeramos neste tópico, dispor a Parada de São Paulo num lugar de grande notoriedade a partir: da inserção de quase todas as notícias no caderno Cotidiano, espaço de grande notoriedade aos fatos jornalísticos e editoria onde os acontecimentos ganham tratamento de bem público, e das variadas ocorrências de estruturas de Resumo na notícia (Chapéu, Linha Fina, Olho e Intertítulo), que não só introduzem e sinalizam o texto, mas também permitem que o discurso ganhe espaço na página do jornal e apontam para uma tentativa da Folha em ampliar as possibilidades de comentários sobre o evento.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, T. M. T. *Títulos, para que os quero?* 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- ERBOLATO, M. L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- FALCONE, K. *O acesso dos excluídos no espaço discursivo do jornal*. Recife: EdUFPE, 2005.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual da redação da folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2007.
- LAJE, N. *Linguagem jornalística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios)
- LAJE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de Texto: o que é e como se faz?* Recife: UFPE, 2009.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica*. Linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVEIRA, R. C. P.; PAULA, D. G. A sedução na construção das manchetes em jornais paulistanos. *In: SILVEIRA, R. C. P.; LEAL, M. C. D.; PACHECO, M. C. N. Discurso em questão. Representação, gênero, identidade, discriminação. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. p. 39-48.*

SIMÕES, J. A.; FACCHINI, R. *Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.*

VAN DIJK, T. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Ediciones Paidós, 1996.*

VAN LEEUWEN, T. Representing social action. *In: VAN LEEUWEN, T. Discourse and practice: New tools for Critical Discourse Analysis. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. p. 55-74.*